

“Cruzeiros do Sul”: reflexão acerca da colonialidade através da literatura de Urda Klueger

“Cruzeiros do Sul”: reflection on coloniality through the literature of Urda Klueger

Lucas Carminati¹

Resumo: Tendo como base a referência literária “Cruzeiros do Sul”, de Urda Alice Klueger, o presente trabalho pretende discorrer acerca do discurso que pairou o século XX, no que diz respeito ao processo colonizatório do Sul do Brasil. Com isso busca-se analisar a representação das personagens que fazem parte dos eventos, tomando como foco principal os indígenas, e assim compreender a repercussão de conceitos e ideais que perpetuam o apagamento indígena e a amenização da violência que permeava os contatos entre populações originárias e os invasores europeus.

Palavras-chave: Colonialidade; História Indígena; Romantização; História de Santa Catarina.

Abstract: Based on the literary reference “Cruzeiros do Sul”, by Urda Alice Klueger, this article discusses the discourse that permeated the 20th century regarding the colonization process in southern Brazil. This way, we analyze the representation of the characters taking part in these events, particularly indigenous people, to understand how certain concepts and ideals can perpetuate indigenous erasure as well as the alleviation of the violence of European invaders towards indigenous populations.

Keywords: Coloniality; Indigenous History; Romanticization; History of Santa Catarina.

Introdução

O processo de colonização que atingiu o sul do Brasil com a chegada do europeu, mais intensamente após o século XVIII, faz parte do imaginário popular dos catarinenses, seja através da memória familiar, ensino escolar, conteúdo midiático ou literário. Sendo assim é possível perceber certas “familiaridades” na forma como essa invasão é retratada usualmente.

Percebe-se no discurso acerca da ocupação do território catarinense por parte dos imigrantes uma atenuação de feitos comuns aos colonos, tais quais a violência e o abuso para com indígenas da região, além do sentimento de pertencimento à terra que foi apropriada e uma romantização do contato entre europeus e nativos. Dessa forma promove-se uma imagem idealizada da figura do colono, colocando o mesmo como herói e povoador da região sul, ao mesmo tempo em que se invisibiliza os que já habitavam e ainda habitam a área.

¹ Graduando em história pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: lucas-carminati@hotmail.com

Como mão-de-obra, vieram os imigrantes em busca de um futuro melhor. Antes mesmo da mudança para o regime republicano e da abolição da escravidão, as elites já difundiam o discurso de valorização do europeu branco, laborioso e disciplinado. O propósito de branqueamento da população seria alcançado através dos estrangeiros².

Como forma de compreender tal discurso e perceber de que maneira ele é perpetuado, será tomada como objeto de análise a literatura catarinense, mais especificamente a obra “Cruzeiros do Sul”, da autora Urda Alice Klueger.

Antes de adentrar a obra em si, se faz importante compreender um pouco melhor Urda Klueger e o momento em que ela se encontra fazendo suas publicações. A autora nasceu na cidade de Blumenau, SC, na segunda metade do século XX e faz parte de uma geração de autores catarinenses que trazem à tona esse “sentimento alemão”, como aponta Mirian Cardoso:

[...] Após 1945, aparecem as narrativas feitas por “brasileiros catarinenses”, filhos de “alemães brasileiros”, como nomeia Celestino Sachet (1985,p.123), “uma literatura, em língua portuguesa, com alma e sentimentos brasileiros de “alemães” de Santa Catarina, com hábitos e costumes integrando-se à lusitanidade”. Nessa linha aparece, entre outros escritores, a blumenauense Urda Alice Klueger³.

Klueger possui diversas obras relacionadas ao ambiente catarinense, principalmente ambientadas em cenários coloniais, na qual a família, e principalmente o homem, são representados como desbravadores, pessoas corajosas e virtuosas que buscam o desenvolvimento, não somente da casa, mas da comunidade como um todo⁴. Existem ainda, outros aspectos majoritariamente aludidos em seus textos:

Nas narrativas de Urda Alice Klueger, especialmente em Verde Vale e No Tempo das Tangerinas, há predominância de traços específicos com os quais a autora trabalha delineando a sua ficção, como o emigrante, o filho do imigrante, a natureza, a mulher alemã, seus valores, atitudes e comportamentos. Esses traços são abordados dentro de uma temática otimista e apontam para um momento histórico específico⁵.

Assim sendo, era comum em sua escrita a reprodução de estereótipos difundidos entre os teuto-blumenauenses:

Em Urda Alice Klueger evidenciamos a construção de personagens e a presença de elementos típicos das primeiras narrativas em língua alemã no Brasil, ou seja, o índio aparece como aquele que assusta e invade a propriedade dos colonos, a imagem negativa do mestiço, a mistura de raças vista com desagrado, os casamentos mistos aceitos com resistência, os conflitos vividos

² WITTMANN, Luisa, 2007, p. 76

³ CARDOSO, Mirian Rosi. 2001, p. 5.

⁴ Ibid, p. 5-8.

⁵ Ibid., p. 8.

pelos filhos de imigrantes, as festas que acontecem na colônia, a saudade da velha pátria, o trabalho, a mulher alemã que é o porto-seguro do marido, a figura central do lar, o qual ela toma aconchegante,[...]”⁶.

Cruzeiros do Sul

A obra “Cruzeiros do Sul” conta com um enredo bastante extenso, e também uma marcação temporal relativamente longa, com o início de sua história em um período que pode ser localizado por volta do século XVII⁷ e seu término sendo no final do século XX. O livro é demarcado por diversos capítulos, cada qual tendo o nome de uma personagem (salvo exceções do capítulo II, “Os meninos de São Paulo”; capítulo IV, “A família do ermo”; capítulo V, “O menino que via a magia”; e capítulo XI, “O padre”), de forma que a personagem que dá nome à passagem tem certo destaque naquele recorte⁸.

Por ser uma obra que aborda um período extenso⁹ ela conta com capítulos diversos e uma grande variedade de personagens. Os recortes que mais interessam ao presente artigo se encontram no início do livro, e contam com uma presença de indígenas e europeus, ainda em um contato precoce e tímido. No desenvolver do enredo as personagens indígenas em geral desaparecem da história, contando apenas com breves citações acerca de um parentesco ou uma memória distante.

Dessa maneira “Cruzeiros do Sul” busca relatar uma história da colonização de Santa Catarina pelos europeus, ilustrando uma grande linhagem de descendência que inicia em um romance de um homem europeu com uma mulher indígena¹⁰. De forma que reconta as aventuras dos “colonos” desde o momento mais recuado de sua chegada até o período de publicação do livro, mas o faz a partir de uma perspectiva colonizatória e eurocêntrica, abordagem essa que será discutida no decorrer do trabalho.

Uma vez contextualizadas, ainda que brevemente, algumas características da escrita de Urda Klueger, é necessária uma reflexão no que diz respeito a relação próxima, mas ao mesmo tempo turva, que possuem a história e a literatura, antes de adentrarmos a obra em específico.

⁶ Ibid., p. 7.

⁷ O período inicial do livro não é especificado, mas pode ser posicionado em tal momento a julgar pelas características das personagens e ambientação da obra em geral.

⁸ KLUEGER, Urda, 1992.

⁹ Apesar de seu recorte espacial ficar quase sempre limitado a Santa Catarina, salvo algumas exceções que levam a história a São Paulo ou Paraná.

¹⁰ Tem como intuito recobrar a história da colonização de Santa Catarina, mas personificando tal acontecimento em uma linhagem familiar que se estende desde os contatos mais recuados entre europeus e indígenas.

História e literatura

A proximidade estabelecida entre a literatura e a história assume maior evidência principalmente após a segunda metade do século XX, em suma como parte de uma estratégia de multidisciplinaridade que visava a incorporação de diferentes pensamentos e novas soluções para o estudo da história¹¹.

Pode-se então pensar nas diferenças entre as duas disciplinas:

Entretanto, a principal diferença entre os dois processos é a linguagem empregada para produção de cada narrativa, ou seja, cada uma vai ser produzida com um objetivo diferente e vai usar a linguagem que melhor expressar as ideias. Essa linguagem impressa nos discursos pode despertar vários tipos de reações no sujeito leitor, e por isso devem ser cuidadosamente escolhidas para que seu objetivo não seja frustrado, ou que sua intenção não seja alcançada¹².

A questão da literatura é que usualmente ela carrega emoções em seu corpo, volta-se para o sensível de forma que o leitor seja cativado ou se identifique com a história¹³; a historiografia pode também carregar emoção em sua construção, mas obviamente deve possuir maior apego com suas fontes (quaisquer que sejam seus formatos), algo que é mais flexível quando se pensa a literatura, “O discurso literário carrega, assim, a possibilidade de registrar importantes fatos históricos, que podem, inclusive, tratar de assuntos polêmicos ou turbulentos, mas sem necessariamente referenciá-los como realidade, mas sim, como fruto de um simples devaneio do autor”¹⁴.

Tendo em vista o acercamento existente entre as disciplinas e ainda o “desapego” que a literatura pode apresentar para com o cuidado com as fontes e o processo historiográfico, é admissível ponderar seu papel na reprodução de discursos muitas vezes ligados a elites ou aos chamados “sensos comuns” reproduzidos em massa, tal qual a narrativa da colonialidade¹⁵.

Dessa forma, a literatura e a história se interligam também com a memória, assim como a apresenta Le Goff:

[...] mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo, oral, ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva

¹¹ SANTOS, Zelo dos 2007, pp. 117 – 126.

¹² THIEL, Jenifer Royer. 2016, p. 34.

¹³ Ibid., p. 34.

¹⁴ Ibid., p. 35.

¹⁵ É importante ressaltar que, mesmo se usando de fontes, a história também é direcionada a defender certo ponto ou ideologia, negar isso recai sobre a questão da “história verdadeira”, que não deve ser considerada uma abordagem possível. Mas por repousar na ficção a literatura pode levar seu discurso a lugares mais flexíveis e alcançar maior público.

escrita, aquelas que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória¹⁶.

Ambas as disciplinas podem servir como instrumento de resistência e quebra do discurso dominante ou como forma de perpetuação da chamada “memória coletiva”. É enorme, então, o papel de obras literárias que se propõem a tratar de problemáticas históricas, uma vez que atingem um grande público e podem, através de seu enredo, continuar ou reforçar estereótipos acerca de momentos ou grupos históricos.

Discutida a relação que pode ser traçada entre os campos da história e da literatura e reforçado o papel importante do autor ficcional que se propõe a ter como motivo de sua trama ambientes históricos, a análise recai agora sobre o conceito do termo colonialidade.

Colonialidade, reflexões acerca do conceito

“Os escritos do palácio do governo catarinense apresentam com freqüência idéias dos índios como ferozes, incivilizáveis e inúteis, e dos imigrantes como pacíficos, civilizados e trabalhadores que impulsionam o desenvolvimento do país”¹⁷. Tal declaração é ilustrativa do período colonial, mas tal discurso permanece ainda hoje. De forma a compreender as bases dessa narrativa, cabe uma discussão acerca da chamada colonialidade.

Walter Mignolo apresenta o conceito da colonialidade¹⁸, e como ela está interligada ao advento da modernidade, não podendo ser dissociada da mesma¹⁹. A partir da análise teórica de Mignolo, percebe-se que o discurso resultante da colonização exercida pela Europa, em suas colônias ou ex-colônias na América, é uma das ferramentas essenciais do processo de dominação. “Na sua formulação original por Quijano, o “patrón colonial de poder” (matriz colonial de poder) foi descrito como quatro domínios inter-relacionados: controle da economia, da autoridade, do gênero e da sexualidade, e do conhecimento e da subjetividade”²⁰. Tal articulação representa o domínio sobre o conhecimento e a subjetividade, e é disseminado até a contemporaneidade. Ainda a respeito da “matriz colonial de poder” o autor afirma: “O que sustenta as quatro “cabeças”, ou âmbitos inter-relacionados de administração e controle (a

¹⁶ GOFF, Jacques Le2013, p.

¹⁷ WITTMANN, Luisa. 2007, p. 64.

¹⁸ Conceito introduzido por Anibal Quijano no final do século XX, definido da seguinte maneira por Mignolo, “A colonialidade nomeia a lógica subjacente da fundação e do desdobramento da civilização ocidental desde o Renascimento até hoje, da qual colonialismos históricos têm sido uma dimensão constituinte, embora minimizada.” em MIGNOLO, Walter D. COLONIALIDADE: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [S.L.], v. 32, n. 94, 2017, p. 2.

¹⁹ Ibid., p. 2.

²⁰ Ibid., p. 2.

ordem mundial), são as duas “pernas”, ou seja, o fundamento racial e patriarcal do conhecimento”²¹.

Fica evidente a representação pejorativa acerca dos indígenas ao se voltar para a mídia catarinense no século XX, como no exemplo visto em “Blumenau em cadernos” no ano de 1961: “Se o índio, nesta sua constante ameaça e assaltos, levasse a melhor, ficava ameaçado o progresso de Blumenau, que dependia diretamente da abertura da estrada para o campo e da construção da linha telegráfica”²².

Na passagem exemplificada acima, percebe-se a oposição travada entre a figura do indígena e a noção de progresso, que reforça a ideia de domínio ocidental sobre a epistemologia, no qual a noção de que os povos originários estariam no lado oposto de um suposto desenvolvimento baseado nos moldes europeus foi comumente difundida²³.

Além disso, em uma coluna nomeada “apontamentos sobre os índios”, do mesmo “Blumenau em cadernos”, agora no ano de 1984, continuam os levantamentos preconceituosos e generalizantes a respeito dos indígenas em Santa Catarina:

“Os índios da Reserva vivem em péssimas condições mas isso porque eles querem, pois quase todos apresentam boa saúde e condições físicas, sendo que não trabalham por mero comodismo ou melhor dizendo, preguiça”. [...] “O índio tem vergonha de ser índio. Não usam mais traje desde 1915 e em 1914 saíram do mato”²⁴.

Então, um dos vários “nós”, como chama Mignolo, que é perceptível na propagação desse discurso moderno que compõe esse modelo colonialista é o seguinte:

Uma concepção particular do “sujeito moderno”, uma ideia do homem, introduzida no Renascimento europeu, se tornou o modelo para o humano e para a humanidade, e o ponto de referência para a classificação racial e o racismo global (QUIJANO, 2000; WYNTER, 2001)²⁵.

Essa valoração da figura do imigrante, colocado como superior em relação a outros agentes históricos é notável no imaginário catarinense, como vê-se na seguinte publicação de ““O ano novo””, efetuada em Joinville no ano de 1931: “A princípio as preferencias incidiram

²¹ MIGNOLO, Walter D, 2017, p.5.

²² **Blumenau em Cadernos.** Blumenau, maio 1961. Disponível em: <https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=884634&Pesq=%c3%adndio&pagfis=982>. Acesso em: abr. 2023.

²³ Tal ideia acerca do controle sobre a episteme é desenvolvida de maneira mais aprofundada em: SPIVAK. Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: editora UFMG, 2010.

²⁴ **Blumenau em Cadernos.** Blumenau, ago. 1984. Disponível em: <https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=884634&Pesq=%c3%adndio&pagfis=824>. Acesso em: abr. 2023.

²⁵ MIGNOLO, Walter D. 2017, p.11-12.

sobre açorianos e suíços, passando mais tarde para os alemães, cuja raça mais afeita ao trabalho seria de molde a satisfazer plenamente as aspirações que o governo visava”²⁶.

Ainda em relação a construção de um discurso colonial na modernidade, Johannes Fabian acrescenta algumas reflexões sobre o tempo e o “Outro”²⁷ na modernidade, que cabem ser reascendidas. Fabian coloca que a antropologia evolucionista do período moderno (após o século XIX) é responsável pela espacialização do tempo²⁸. Em outras palavras, ele coloca: “Desde então, devo argumentar, os esforços da antropologia em estabelecer relações com o seu Outro por meio de mecanismos temporais sugeriram uma afirmação da diferença como distância”²⁹.

Ao pensar o conceito temporal na modernidade e conseqüentemente na colonialidade, compreende-se que tal distanciamento temporal era mais uma ferramenta política que embasava o discurso eurocêntrico. Desse modo os povos colocados como “selvagens”, ou os “Outros”, a partir das lentes coloniais, eram postos em um estágio anterior da temporalidade, e, portanto, não poderiam alcançar a civilização³⁰.

A esse fenômeno de distanciamento temporal do “Outro” Fabian dá o nome de negação da coetaneidade³¹, e assim como os domínios relacionados a “matriz colonial do poder” apresentados anteriormente, presentes em Mignolo³², essa transformação da compreensão temporal advinda com a modernidade também pode ser associada à colonialidade e seus efeitos percebidos no livro de Urda Klueger.

As problemáticas do livro “Cruzeiros do Sul”

Uma frase pertinente para refletir a respeito da escrita de Klueger e sua maneira de representar as passagens está presente na dissertação de Mirian Cardoso:

Marcos Konder Reis, ao fazer a apresentação desse romance, adverte: “o problema do choque de culturas, do conflito de raças, das dificuldades de adaptação não são por ela iluminados por uma luz trágica, por uma sombra de

²⁶ “O ANNO NOVO”. Joinville, dez. 1931. dez. 1931. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/oannonovo/ANN1931XXX.pdf>. Acesso em: abr. 2023.

²⁷ Ver sobre isso em FABIAN, Johannes. 2013, p. 39-70.

²⁸ Ibid., p. 52.

²⁹ Ibid., p. 52.

³⁰ Ibid., p. 62.

³¹ Fenômeno elaborado por Fabian e descrito por ele da seguinte maneira: “A isso chamarei negação da coetaneidade. Por meio dessa expressão quero indicar uma persistente e sistemática tendência em identificar o(s) referente(s) da antropologia em um Tempo que não o presente do produtor do discurso antropológico.” em Ibid., p. 67.

³² MIGNOLO, Walter D. 2017, p. 01-18.

infelicidade, por uma lâmpada cruel, mas para nossa grande satisfação, por uma alba de felicidade e por um crepúsculo de serena e doce melancolia”³³.

Todavia, diferente do colocado por Marcos Konder Reis, tal abordagem romantizada e “[...] iluminada [...] por uma alba de felicidade”, é fruto da colonialidade e da já citada “memória coletiva” que permeia o imaginário da colônia teuto-blumenauense.

Em relação aos personagens indígenas apresentados em “Cruzeiros do Sul”, foco da presente leitura, é interessante apontar que certas características de populações originárias de Santa Catarina são colocadas pela autora com exatidão, como por exemplo a migração sazonal que os Laklano realizavam no território, “A área era também ocupada pelo grupo indígena Xokleng, que percorria a região em um movimento caracterizado como nomadismo estacional, deslocando-se à procura de caça e frutos para coleta”³⁴. E percebida em diversos momentos do livro de Klueger, “passaram-se mais dias, os dois grupos caminhando juntos, [...]”³⁵; “[...] Miguel já aprendera que era agora o tempo de eles fazerem uma grande migração, que só voltariam àquela região antes do futuro inverno, quando fosse tempo dos pinhões amadurecerem”³⁶.

Assim sendo, mesmo apresentando conhecimento acerca dos grupos indígenas retratados, em diversos momentos as conexões acontecidas entre os povos indígenas e os europeus são atenuadas e colocadas sob uma luz de romance. Uma passagem que ilustra bem tal “ar de romantização” se encontra logo no primeiro capítulo do livro, intitulado “Madjá-Aiú”, no qual a personagem Laklãnõ-xokleng³⁷, que dá nome ao capítulo, se apaixona pelo homem europeu, Johannes ou “cabelo amarelo”, aprisionado por seu povo, tendo a iniciativa de requirilo como parceiro, “Eu o quero para mim – anunciou a moça”³⁸.

Neste mesmo capítulo, outro elemento é a questão da miscigenação, representada pela revelação de uma filha nascida do relacionamento entre Madjá-Aiú e Johannes:

Um filho! - repetiu para si mesmo, pleno de magia. Abraçou Madjá-Aiú, o coração batendo disparado, as emoções descontroladas. Nem lhe passou pela cabeça que aquela magia não era só sua, que pertencia ao mundo, que ele estava sendo apenas um elo de ligação entre os continentes, entre os povos, entre o Antigo e o Novo, entre o conhecido e o desconhecido. [...] Cabelo amarelo era só mais um dos que participavam da criação de uma nova raça,

³³ CARDOSO, Mirian Rosi. 2001, p. 62.

³⁴ SELAU, Maurício da Silva. 2006, p. 107.

³⁵ KLUEGER, Urda, 1992, p. 41.

³⁶ Ibid., p. 69.

³⁷ A autora não confirma a população ou o tronco linguístico, mas deixa claro que eles “não falam tupi-guarani”, então a julgar pelas características, movimentos de migração e região, é provável se tratar dos Laklãnõ-xokleng.

³⁸ KLUEGER, Urda. 1992, p. 33.

de um novo povo que começava a se formar com pujança e pressa sob a luz do Cruzeiro do Sul³⁹.

Acerca da miscigenação, a autora acaba por tratar o processo com uma visão positiva, que não era a realidade dos momentos de colonização; na verdade os indígenas eram vistos como selvagens, no mais, além do extermínio, propostas tidas como defensoras dos povos indígenas visava a aculturação e “civilização” dos chamados “índios”⁴⁰. Sendo assim, as culturas indígenas eram invisibilizadas, fosse pela violência física ou pelo esforço de apagá-las através da “civilização” dos indivíduos.

Ainda no que diz respeito ao relacionamento entre indígenas e brancos, Urda Klueger romantiza não somente a questão da miscigenação entre as etnias, mas também coloca como característica da aproximação (além do medo), o respeito e a amizade que era formada entre os colonos e os povos indígenas que povoavam a região de Santa Catarina:

Sem maiores incidentes, dois dias depois, os índios foram embora. Na despedida, para acentuar sua autoridade, Miguel fez explodir um pouco de pólvora no fogo. Foram-se cheios de respeito para com o novo morador. Pelo inverno afora outros grupos de índios apareceram por ali, mas já vinham sem os sustos dos primeiros que tinham chegado. [...] Miguel sempre caçava alguma coisa para eles, sempre se sentava à sua fogueira e lhes contava a história dos animais sagrados; cada vez mais aprendia a nova língua que eles falavam. Cuidou sempre para que nada acontecesse que os tornasse inimigos, mas não titubeava em gastar pólvora para garantir-lhes o respeito⁴¹;

Aquele ser nada sociável que era Miguel, comoveu-se com a espontaneidade do índio. Por todo aquele inverno vira centenas de índios, que o enxergavam como uma curiosidade, um ser poderoso que disparava raios, que possuía animais recebidos diretamente do Grande espírito, que era estranho e forte. Até então, porém, nenhum índio viera lhe trazer uma oferta de amizade como estava recebendo agora⁴².

Cristina Scheibe Wolff discorre sobre a problemática da representação e memória dos povos indígenas em Santa Catarina - ela destaca o apagamento desses povos na formação e desenvolvimento do Estado, seja na memória, obras literárias ou historiográficas⁴³. É interessante em seu texto a maneira como Wolff contrapõe relatos obtidos através da história oral com o conteúdo presente na obra "Cruzeiros do Sul", ao apresentar relatos de descendentes de imigrantes alemães que descrevem o sentimento que misturava medo e ódio pelos indígenas,

³⁹ Ibid., p. 45.

⁴⁰ WITTMANN, Luisa. 2007, p. 82-83.

⁴¹ KLUEGER, Urda. Op. cit., p. 68-69.

⁴² Ibid., p. 71.

⁴³ WOLFF, Cristina S. 2003, v. I, p. 40.

e ainda retratava os casos de “índias pegas a laço”⁴⁴, que vão contra a representação romântica de relacionamentos entre indígenas e imigrantes que Klueger apresenta.

Tendo em vista a discrepância entre os relatos, a historiografia de modo geral⁴⁵ (principalmente após a segunda metade do século XX) e as relações representadas por Urda Klueger, pode-se entender como atua o discurso colonial, responsável pela dominação do conhecimento e tão enraizado no imaginário da população catarinense que ainda é reproduzido.

Outro ponto que cabe reflexão é a “passividade” com a qual os indígenas são representados. Os personagens representantes dos povos originários não participam do desenvolvimento do estado de Santa Catarina na história de Klueger, estando presentes como pares românticos, amigos ou parentes (por parte materna) dos colonos. Portanto, os indígenas são apresentados basicamente como parte do processo de miscigenação, mas conforme a história do livro e o tempo avança, eles vão desaparecendo do enredo e são, no máximo, recobrados em breves momentos, como parentes distantes.

Tendo como exemplo “Cruzeiros do Sul”, a análise de Cristina Wolff acerca da historiografia e concomitantemente da representação do estado de Santa Catarina fica limitada aos feitos de imigrantes:

Na historiografia da região Sul, especialmente Santa Catarina, os estudos centram-se nas figuras dos imigrantes: açoriano, alemães, italianos, e dos “pioneiros” vicentistas, fazendeiros, bem como no poder político constituído por estes. Índios, negros e caboclos têm sido sistematicamente excluídos desta história, com raras exceções. Desta forma constrói-se uma identidade para a região, baseada na figura europeia⁴⁶.

Dessa maneira, é recobrada a crítica no que diz respeito a representação indígena no livro de Urda Klueger, mas acrescenta-se à questão da romantização dos contatos entre colonos e indígenas, também a secundariedade que os povos originários assumem na obra, tendo sua participação limitada à interação com os europeus, em geral sob o ponto de vista dos colonos, ou apenas deixando de serem mencionados no decorrer do livro. Não são destacadas as contribuições culturais, linguísticas ou técnicas, por exemplo, que advieram dos povos indígenas.

O objetivo do artigo é observar se e como a colonialidade pode ser propagada através da literatura, portanto, não cabe aqui a discussão acerca das motivações da autora de “Cruzeiros

⁴⁴ Ibid., p. 38-45.

⁴⁵ A respeito da historiografia catarinense e suas fases, ver sobre em WOLFF, Cristina S. *Historiografia Catarinense: uma introdução ao debate*. Florianópolis: **Revista Catarinense de História**, n 3, 1994, p. 5-15.

⁴⁶ WOLFF, Cristina S. 2003, v. I, p. 40.

do Sul”, ou seu posicionamento frente a tal discurso colonizatório, mas sim a exemplificação das formas que tais memórias são reproduzidas e perpetuadas, através do apagamento indígena ou da atenuação de características marcantes do processo de povoamento branco do sul do Brasil, tal qual a violência, o trabalho escravo ou a miscigenação resultante do abuso de, majoritariamente, mulheres indígenas. Como coloca Halbwachs, “A memória é sempre uma construção presente, que, seleciona aquilo que lhe é mais conveniente lembrar no passado”⁴⁷.

Conclusão

Após essa concisa exposição de algumas das problemáticas da obra “Cruzeiros do Sul”, relacionadas à temática indígena e que podem ser problematizadas quando postas em discussão com uma bibliografia recente acerca da colonização do território catarinense, é possível perceber como a colonialidade ainda atua no imaginário da população de Santa Catarina. Os elementos destacados anteriormente no presente trabalho, como o distanciamento do “Outro”⁴⁸, operam como constituintes de um pensamento colonial, de forma a exaltar a cultura colona. Tais elementos são recorrentes na obra de Urda Klueger, ficando mais evidente no decorrer do livro, de modo que os indígenas deixam de fazer parte da história conforme o tempo linear avança na obra.

A dominação no campo subjetivo ou do conhecimento, já antes apresentada em Mignolo⁴⁹, também é notável. Sua principal representação é o fato de a história contar com o ponto de vista dos europeus ou seus descendentes, colocando-os como agentes da colonização, e todas as outras personagens que compuseram esse processo, como por exemplo os indígenas, são somente apresentados como satélites que orbitam a história dos colonos.

Ao perceber tais representações colonialistas na composição do texto de Urda Klueger, é importante novamente ressaltar como os mesmos são construídos:

De certa forma, o que Janete Machado evidencia é que os elementos com que Urda Klueger trabalha em sua ficção constituem o imaginário comum teuto-blumenauense e, por isso, mediam as projeções e identificações na relação com o leitor, que, ao se identificar, passa a ter e a incorporar essas imagens como ideais⁵⁰.

⁴⁷ Ibid., p. 46.

⁴⁸ FABIAN, Johannes. 2013, p. 39-70.

⁴⁹ MIGNOLO, Walter D. 2017, p. 01-18.

⁵⁰ CARDOSO, Mirian Rosi. 2001, p. 64.

Então, é possível constatar que, ao mesmo tempo em que a obra é construída a partir do discurso idealizado já presente na comunidade teuto-blumenauense, ela ajuda a perpetuar tal discurso, reproduzindo-o sob uma ótica de romance histórico e de certa feita legitimando tal narrativa. Por fim, vale realçar a importância de buscar cada vez mais pensar a história de maneira decolonial, de forma a romper com esse domínio sobre os conceitos e conhecimentos comuns que a colonialidade apresenta sobre o imaginário popular, e até mesmo acadêmico⁵¹. Evidencia-se então uma frase retirada do trabalho de Mignolo: “A “colonialidade” já é um conceito “descolonial”⁵².

Referências bibliográficas

Blumenau em Cadernos. Blumenau, ago. 1984. Disponível em: <https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=884634&Pesq=%c3%a%ndio&pagfis=8249>. Acesso em: abr. 2023.

Blumenau em Cadernos. Blumenau, maio 1961. Disponível em: <https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=884634&Pesq=%c3%a%ndio&pagfis=982>. Acesso em: abr. 2023.

CARDOSO, Mirian Rosi. **Estudos culturais e gênero: mulheres na ficção de Urda Alice Klueger.** Florianópolis, 2001.

FABIAN, Johannes. **O Tempo e o Outro: como a antropologia estabelece seu objeto.** Petrópolis: Vozes, 2013, p. 39-70.

KLUEGER, Urda. **Cruzeiros do Sul.** Florianópolis: Editora Lunardelli, 1992.

MIGNOLO, Walter D. COLONIALIDADE: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [S.L.], v. 32, n. 94, p. 01-18, 2017.

“**O Ano Novo**”. Joinville, dez. 1931. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/oannonovo/ANN1931XXX.pdf>. Acesso em: abr. 2023.

SANTOS, Zelo dos. HISTÓRIA E LITERATURA: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL. **Revista Científica / FAP.** v. 2, 2007, p. 117 – 126.

SELAU, Maurício da Silva. **A ocupação do território Xokleng pelos imigrantes italianos no sul catarinense (1875-1925): resistência e extermínio.** 2006. 163 f. Dissertação (Mestrado) -

⁵¹ Além de buscar alternativas à colonialidade é importante reconhecer sua presença no cotidiano, de maneira a tornar possível o combate a tal ideologia.

⁵² MIGNOLO, Walter D. op.cit., p. 2.

Curso de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: editora UFMG, 2010.

THIEL, Jenifer Royer. **A Construção da Memória e Sua Influência na Constituição Identitária**: Análise da Obra No Tempo das Tangerinas, de Urda Alice Klueger. Frederico Westphalen, 2016.

WITTMANN, Luisa T. **O Vapor e o Botoque**: imigrantes alemães e índios Xokleng no Vale do Itajaí/SC (1850-1926). 1. ed. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2007, p. 59-92.

WOLFF, Cristina S.. Índias e Brancos no Sul do Brasil - reflexões sobre a memória e a construção de identidades. In: Renato Lopes Leite. (Org.). **Cultura & Poder**: Portugal - Brasil no século XX. Curitiba: Juruá, 2003, v. I, p. 37-51.